

ESCRITAS DE INVENÇÃO NO ROMANCE PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO.

Simone Lopes dos Santos de Paula¹

RESUMO

O presente trabalho: Atividades Orientadas de Ensino sobre o tema: Escritas de Invenção no Romance Português Contemporâneo foi guiado através da responsabilidade do orientador professor Dr^o. André Luiz do Amaral na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul no campus de Três Lagoas-MS e aborda as escritas de invenção no romance português contemporâneo, explorando a utilização de técnicas narrativas inovadoras que rompem com as convenções tradicionais. A partir de análises que tratam deste tema, este estudo destaca a adoção de estratégias como a fragmentação do enredo, a metaficção e a intertextualidade, que desafiam o leitor a participar de forma ativa na construção do sentido da narrativa. Além disso, nesta pesquisa abordo sobre as implicações dessas inovações estilísticas para a representação de questões sociais, culturais e identitárias no contexto da literatura portuguesa. Esta análise busca compreender como essas escritas de invenção contribuem para a renovação do romance português contemporâneo, propondo novas formas de engajamento e reflexão crítica.

Palavras-Chave: romance contemporâneo; literatura portuguesa; metaficção; fragmentação; realismo.

ABSTRACT:

The present work: Oriented Teaching Activities on the theme: Invention Writings in the Contemporary Portuguese Novel was guided through the responsibility of the teacher advisor Dr^o. André Luiz do Amaral at the Federal University of Mato Grosso do Sul on the campus of

Três Lagoas-MS and addresses the writings of invention in the contemporary Portuguese novel, exploring the use of innovative narrative techniques that break with traditional conventions. Based on analyses that deal with this theme, this study highlights the adoption of strategies such as plot fragmentation, metafiction and intertextuality, which challenge the reader to actively participate in the construction of the narrative meaning. In addition, in this research I address the implications of these stylistic innovations for the representation of social, cultural and identity issues in the context of Portuguese literature. This analysis seeks to understand how these writings of invention contribute to the renewal of the contemporary Portuguese novel, proposing new forms of engagement and critical reflexion.

Key words: contemporary novel; Portuguese literature; metafiction; fragmentation; realism.

¹ Simone Lopes dos Santos de Paula. Graduanda em Letras - Português e Inglês - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-CPTL. E-mail: simone.l@ufms.br. Professor Orientador: Drº. André Luiz do Amaral.

INTRODUÇÃO

O romance português contemporâneo passou por profundas transformações ao longo das últimas décadas, marcando-se por um caráter inovador que busca romper com as convenções tradicionais da narrativa literária. A partir do final do século XX, começaram a surgir novos estilos na literatura portuguesa, um conjunto de práticas estilísticas e narrativas que desafiam os modelos consagrados, introduzindo novas formas de contar histórias. Essa fase de renovação foi impulsionada por uma geração de escritores que, influenciados por contextos políticos, sociais e culturais complexos, adotaram abordagens mais ousadas e experimentais para refletir as transformações da sociedade contemporânea.

Entre os principais recursos utilizados nessas inovações estão a fragmentação narrativa, que quebra a linearidade dos enredos e apresenta múltiplas perspectivas; a metaficção, que reflete sobre o próprio ato de narrar e questiona os limites entre realidade e ficção; e a intertextualidade, que cria diálogos com outras obras e discursos culturais. Essas práticas narrativas não surgem apenas como recursos estéticos, mas também como ferramentas de crítica social. A literatura portuguesa contemporânea evoluiu e ainda passa por mutações com as questões da pós-modernidade. A fusão de gêneros literários como o romance, o ensaio e a poesia também é um aspecto característico dessa nova fase, permitindo que os autores ampliem o escopo de suas reflexões e criem narrativas que transcendem fronteiras formais.

Nesse cenário, essas inovações assumem um papel central na renovação do romance português, propondo uma literatura que desafia o leitor a participar de forma ativa na construção de sentido e na interpretação das camadas narrativas. A quebra das expectativas tradicionais de leitura, muitas vezes promovida pela ausência de enredos lineares ou pela presença de narradores pouco confiáveis, convida o público a uma reflexão mais profunda sobre a própria natureza da narrativa. Assim, o presente estudo se propõe a investigar como essa nova visão literária tem sido explorada por alguns dos principais autores da atualidade, buscando compreender de que maneira esses recursos contribuem para a construção de uma nova identidade literária em Portugal.

A LITERATURA PORTUGUESA ANTES DE 1974.

Antes da Revolução dos Cravos de 1974, Portugal vivia sob o regime ditatorial do Estado Novo, liderado por António de Oliveira Salazar a partir de 1933 e, mais tarde, por Marcello Caetano. Esse período foi marcado por forte repressão política, censura e controle sobre todas as formas de expressão artística, afetando diretamente o desenvolvimento da literatura e a vida cotidiana da população. O povo português enfrentava um cenário de autoritarismo, isolamento internacional, pobreza generalizada e guerras coloniais, que marcaram profundamente o contexto social e cultural da época.

Sob o regime do Estado Novo, o cotidiano do povo português era controlado por uma política autoritária que visava manter a estabilidade por meio da repressão e da promoção de valores conservadores. As liberdades individuais eram severamente restringidas, e o governo impunha uma visão de sociedade baseada em princípios como a obediência à autoridade, a manutenção da ordem social e o nacionalismo. A censura era amplamente aplicada em todos os meios de comunicação, incluindo jornais, rádio, teatro, cinema e literatura. Livros que criticavam o governo, defendiam ideias progressistas ou questionavam a moralidade conservadora da época eram frequentemente censurados ou proibidos.

A economia portuguesa era marcada por profundas desigualdades sociais, e grande parte da população, especialmente nas áreas rurais, vivia em condições de extrema pobreza. O analfabetismo era elevado, e as oportunidades de ascensão social eram limitadas. Ao mesmo tempo, o regime incentivava uma imagem idealizada de Portugal como uma nação agrícola e tradicional, em que os valores patriarcais e a religião católica desempenhavam papéis centrais. “[...] Inúmeras obras portuguesas, anteriores ou posteriores à Revolução dos Cravos, podem ser lidas sob o prisma da liberdade sequestrada, a qual ganhou inúmeras expressões simbólicas na poesia, nas formas narrativas e na dramaturgia. [...]” (ROANI, 2004, p. 21)

O Estado Novo era um regime corporativista que se sustentava através de um aparato repressivo, com a Polícia Internacional e de Defesa do Estado sendo o principal órgão de repressão política. A Polícia Internacional e de Defesa do Estado perseguia e prendia opositores do governo, muitos dos quais foram submetidos à tortura, exílio ou encarceramento sem julgamento justo. Os partidos políticos estavam proibidos, e as eleições eram manipuladas para garantir a perpetuação do regime.

A propaganda estatal exaltava os valores tradicionais da pátria, da família e da religião. (Franco e Bernardes, 2021) O regime também defendia a continuidade do império colonial português na África, que incluía colônias como Angola, Moçambique e Guiné-Bissau. A recusa em descolonizar essas regiões levou ao início das Guerras Coloniais (1961-1974), um conflito sangrento que desgastou o governo e provocou grande

descontentamento, tanto nas colônias quanto em Portugal. Muitos jovens portugueses foram forçados a lutar nas colônias, e as consequências psicológicas e sociais da guerra afetaram toda uma geração.

O ambiente cultural da época era dominado por uma política de censura rígida, que limitava severamente a liberdade criativa dos escritores. Obras literárias que abordassem temas como liberdade, igualdade, crítica ao regime ou exploração das injustiças sociais eram frequentemente censuradas ou proibidas. Ainda assim, houve movimentos literários importantes que tentaram resistir ao regime ou encontrar formas de expressar a realidade social e política de Portugal.

Um dos movimentos literários mais importantes do período foi o Neorrealismo, que surgiu na década de 1930 como uma resposta à necessidade de retratar as condições de vida das classes trabalhadoras e camponesas. Inspirado pelo Realismo europeu e pelo Marxismo, o Neorrealismo buscava representar a realidade social de Portugal, denunciando as desigualdades e injustiças do regime. Autores como Alves Redol, Fernando Namora, e Soeiro Pereira Gomes escreveram obras que retratavam a luta das classes mais pobres, como em *Esteiros* (1941), de Pereira Gomes, que narra a vida de jovens trabalhadores explorados em um ambiente rural miserável. Esses escritores enfrentaram forte censura e repressão, com muitas de suas obras sendo alteradas ou censuradas pelo governo. Ainda assim, o Neorrealismo se consolidou como uma forma de resistência cultural, utilizando a literatura como ferramenta de conscientização política e social.

Durante as décadas de 1950 e 1960, uma nova geração de escritores começou a explorar temas mais filosóficos e existenciais, abordando questões sobre a condição humana, o sentido da vida e a angústia em meio à repressão. Vergílio Ferreira, em obras como *Aparição* (1959), mergulhou na busca individual de sentido e no conflito entre o ser humano e a realidade autoritária. Esse movimento, embora mais introspectivo, ainda refletia o desconforto com a realidade social e política de Portugal sob o Estado Novo.

A poesia também foi uma importante forma de resistência durante a ditadura. Poetas como Sophia de Mello Breyner Andresen e Manuel Alegre escreveram versos que, muitas vezes de forma metafórica, questionavam a opressão e clamavam por liberdade. *O Canto e as Armas* (1967), de Manuel Alegre, expressam a angústia da luta pela liberdade e a frustração diante da repressão. Esses poetas contribuíram para manter viva a esperança de mudança em uma época de forte censura e repressão.

REVOLUÇÃO DOS CRAVOS

A revolução teve início em Lisboa, organizada por um grupo de oficiais das Forças Armadas Portuguesas que formaram o Movimento das Forças Armadas. Este movimento era composto por militares insatisfeitos com a guerra colonial e o regime autoritário. O objetivo inicial era derrubar o governo de Marcello Caetano (que havia sucedido Salazar) e pôr fim às guerras coloniais, mas o movimento rapidamente ganhou o apoio popular, tornando-se uma revolução sem derramamento de sangue.

(ROANI, 2004) Em 25 de abril de 1974, as tropas do Movimento das Forças Armadas tomaram posições estratégicas em Lisboa e outras cidades importantes, e a população civil, cansada do regime ditatorial, foi às ruas em apoio aos militares. Em um gesto simbólico, os populares colocaram cravos nos canos dos fuzis dos soldados, um ato que deu nome à revolução e simbolizou sua natureza pacífica. As forças leais a Caetano não resistiram por muito tempo, e ele se rendeu, sendo exilado no Brasil.

Com a queda do Estado Novo, um governo provisório foi estabelecido, e Portugal começou a trilhar o caminho para a democracia. As colônias africanas conseguiram sua independência logo após a revolução, encerrando as guerras coloniais.

Os impactos deste período foram inúmeros e levaram a sociedade, cultura e a literatura tomarem novos rumos. "[...] A literatura não se limitou a realizar a mera representação da revolução como evento transformador da sociedade portuguesa. [...]" (ROANI, 2004, p. 18). Assim, a revolução trouxe reformas profundas no sistema econômico, com a nacionalização de bancos e indústrias, e o início da modernização da economia portuguesa.

Uma das principais consequências foi a rápida descolonização das colônias africanas, com Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe obtendo independência entre 1974 e 1975.

O golpe militar foi o marco inicial da democratização de Portugal. Uma nova constituição foi aprovada em 1976, estabelecendo liberdades civis e políticas e o direito à participação política ampla. Após a revolução, o controle rígido sobre a cultura, a imprensa e a literatura foram terminados, proporcionando um ambiente de grande liberdade criativa.

A LITERATURA PORTUGUESA APÓS A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS

(Franco e Bernardes, 2021) Com a queda do regime, a literatura portuguesa passou por uma transformação significativa, impulsionada pela liberdade de expressão que havia sido reprimida durante o Estado Novo. Os anos pós-revolução foram marcados por uma explosão

de publicações literárias que, antes, teriam sido censuradas. Autores que enfrentaram dificuldades ou censura durante a ditadura puderam finalmente se expressar livremente, e novas gerações de escritores surgiram.

[...] O tempo e a escrita que se configuram não só após a Revolução dos Cravos (1974), mas especialmente após os longos anos do Estado Novo Português (1933-1974) e sua política de autoritarismo, mostram-se como um novo momento de representação da própria ideia de nação. [...] (Franco; Bernardes, 2021, p. 541)

Alguns dos principais impactos na literatura portuguesa após a Revolução dos Cravos incluem: liberdade Temática e Estética: Com a abolição da censura, os escritores passaram a abordar livremente temas políticos, sociais e psicológicos que antes eram proibidos. “[...] Os autores dessas gerações lançaram, ainda, as bases estéticas para a renovação literária ocorrida nas décadas de setenta, oitenta e noventa, sob o signo da abertura política. [...]” (ROANI, 2004, p. 20). Questões como a ditadura, as guerras coloniais, a desigualdade social, a repressão e o trauma nacional começaram a ser amplamente exploradas.

Dentre as obras analisadas a obra que mais retrata e inclusive traz imagens do período é a revista de Letras Camões e Culturas Lusófonas- 25 de Abril a revolução dos Cravos de 1999 que retrata o antes e o depois deste período em vários ambientes da sociedade. Com isso, alguns excertos da guerra fizeram com que a sociedade e os autores tivessem esse sentimento de pertencimento e de resignificação e mostrando aspectos do realismo. (Saraiva 2021):

De acordo com os dados oficiais constantes da ‘Resenha Histórico Militar das Campanhas de África (1961-1974)’, publicada pelo Estado-Maior do Exército, nos anos 80, mais de 900 mil homens intervieram nas três frentes de batalha: Guiné, Angola e Moçambique. Deste contingente impressionante, correspondente a 1500 batalhões, morreram em combate, por doença e acidentes de várias naturezas, quase nove mil soldados. A estes números há que juntar ainda, segundo estudos feitos nos últimos anos por especialistas nas áreas da psiquiatria e psicologia, mais de 120 mil antigos combatentes que, embora tenham sobrevivido fisicamente àquela que foi a mais inútil de todas as tragédias do nosso tempo, se encontram afetados por sintomas de stress pós-traumático de guerra. [...] (Saraiva, 2021, p. 25).

De acordo com (Fernando 2021), a literatura também experimentou novas formas e estruturas narrativas, já que os autores se sentiram encorajados a romper com as convenções tradicionais.

Um dos grandes beneficiados pela mudança foi José Saramago, que, apesar de já ter publicado alguns trabalhos antes da revolução, só se firmou como um dos maiores escritores de Portugal após 1974. Sua obra *Levantado do Chão* (1980), que aborda a vida de

camponeses oprimidos, é um exemplo claro da crítica social que a nova liberdade permitia. Saramago veio a receber o Prêmio Nobel de Literatura em 1998, o que consolidou a posição de Portugal no cenário literário mundial.

António Lobo Antunes é outro autor profundamente influenciado pelo contexto pós-revolução foi António Lobo Antunes, cuja experiência pessoal como médico nas guerras coloniais marcou toda a sua obra. Seus romances, como *Os Cus de Judas* (1979), exploram o impacto devastador da guerra sobre os soldados e o povo português, e foram possíveis graças à liberdade recém-conquistada de criticar abertamente as políticas do regime anterior.

Este momento dos pós conflito Colonial português é marcado por obras que exploram as cicatrizes deixadas pelo conflito. *Nós, os do Makulusu* (1974) de Luandino Vieira aborda as angústias e as experiências dos combatentes. *Nó Cego* (1982) de Carlos Vale Ferraz reflete sobre as dificuldades enfrentadas pelos soldados durante e após a guerra. Já *As Lágrimas e o Vento* (1975) de Manuel dos Santos Lima exploram as consequências do colonialismo e a busca por identidade no período pós-guerra.

A revolução também abriu espaço para uma literatura mais experimental e inovadora. Autores começaram a explorar a fragmentação narrativa, o fluxo de consciência e a metaficção. Essas técnicas questionavam as fronteiras entre realidade e ficção, bem como o próprio papel da literatura e do escritor. O período pós-1974 é, portanto, caracterizado por uma maior experimentação formal e uma abordagem mais reflexiva sobre o ato de narrar.

Ainda nesse novo contexto, escritores como Lídia Jorge que explora as tensões entre o passado colonial e o presente democrático de Portugal. Seu romance *A Costa dos Murmúrios* 1988 é um dos mais conhecidos e trata de uma forma realista os desafios e as consequências da Guerra Colonial e das experiências pós-revolução. Esta obra de Lídia Jorge, retrata a guerra em Moçambique sob uma perspectiva feminina, através da personagem Eva Lopo, que narra de maneira fragmentada, como se fossem flashes de memórias, os eventos de sua vida ocorridos durante o período do conflito. Nela também é notável uma ruptura estética literária. Mário de Carvalho também é um dos poetas que marcaram este período, conhecido por sua prosa crítica e humorada, abordando temas como a liberdade, a ditadura e as complexidades da vida pós-revolução. Entre suas obras, destacam-se *A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho* 1984. Outro autor é o poeta e romancista, Helder Macedo é uma figura importante da literatura portuguesa após a revolução, seu romance *Partes de África* 1991 reflete sobre o impacto do colonialismo e a formação de identidades nacionais. Depois da revolução houve uma redemocratização e a liberdade de explorar temas políticos e sociais sem o temor da censura, permitiu que a literatura portuguesa florescesse de maneira inédita.

A poesia também encontrou uma nova força no período pós-revolução. Poetas que durante o regime salazarista escreveram de forma velada, finalmente puderam expressar abertamente suas opiniões e reflexões sobre a liberdade, a justiça e a esperança. A literatura tornou-se um espaço fértil para a voz de uma sociedade que finalmente se libertava das amarras de um regime opressor.

A literatura sem censura foi a voz da liberdade ecoada e que ainda ecoa na sociedade. Assim a poesia floresceu após a revolução e tornou-se uma das formas mais expressivas da nova liberdade, com temas de justiça, liberdade e esperança predominando nas criações. Poetas que já vinham denunciando o regime de forma velada, puderam, finalmente, publicar suas obras sem o temor da censura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Revolução dos Cravos, ocorrida em 25 de abril de 1974, representa um dos momentos mais significativos da história de Portugal, ao marcar o fim de uma longa ditadura e abrir caminho para a democratização do país. Durante quase cinco décadas, o regime do Estado Novo, instaurado por António de Oliveira Salazar e perpetuado por Marcello Caetano, impôs ao povo português um sistema de governo autoritário, baseado na repressão política, censura às artes e à literatura, controle rígido da imprensa e isolamento internacional. Essa atmosfera sufocante impedia o florescimento de uma sociedade livre e de uma cultura criativa, submetendo a literatura a uma censura que limitava severamente a expressão artística.

Antes da Revolução, a população portuguesa vivia em condições difíceis, caracterizadas pela pobreza, estagnação econômica e falta de liberdades civis. A temida polícia secreta mantinha uma vigilância constante, perseguindo opositores e controlando rigorosamente o que poderia ser publicado. Esse cenário também foi marcado pelas Guerras Coloniais, que levaram milhares de jovens portugueses a lutar em conflitos longos e impopulares nas colônias africanas de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau. O esforço de guerra, além de desgastar o governo e agravar a crise econômica, gerou um crescente descontentamento entre a população, em especial entre os militares que foram os protagonistas do golpe militar que deu início à revolução.

O sucesso da Revolução dos Cravos não apenas derrubou o regime ditatorial, como também pôs fim às Guerras Coloniais, resultando na independência das colônias portuguesas na África. Em termos políticos, a revolução abriu caminho para um governo provisório e a

promulgação de uma nova constituição, em 1976, que consagrou as liberdades civis e políticas e assegurou a transição para a democracia. No campo econômico, houve uma série de reformas que incluíram a nacionalização de bancos e indústrias, além de tentativas de modernizar a economia, historicamente atrasada em relação aos países europeus.

Entretanto, um dos aspectos mais marcantes dessa transformação foi o impacto cultural e, em particular, na literatura portuguesa. A queda da censura e o fim da repressão abriram espaço para uma verdadeira renovação literária, em que autores, antes silenciados, puderam finalmente expressar-se com liberdade. A literatura após a Revolução dos Cravos, portanto, passou a refletir as profundas mudanças políticas e sociais pelas quais o país estava passando, explorando temas até então proibidos, como a repressão do regime, as desigualdades sociais, os horrores da guerra colonial e o trauma nacional.

A partir de finais da década de 1970, obras literárias, que apresentavam como tema a Guerra Colonial, começam a ser publicadas em Portugal. Muitos dos autores haviam atuado na guerra ou estiveram presentes nas ex-colônias durante o período do conflito (1961-1974). Assim, podemos considerar essas produções como uma forma de retomar o contexto de guerra que, durante o Estado Novo, foi silenciado, justamente por ser uma tentativa de expor os horrores do período. [...] (Franco; Bernardes, 2021, p. 542)

A poesia também encontrou uma nova força no período pós-revolução. Poetas que durante o regime salazarista escreveram de forma velada, finalmente puderam expressar abertamente suas opiniões e reflexões sobre a liberdade, a justiça e a esperança. A poesia tornou-se um espaço fértil para a voz de uma sociedade que finalmente se libertava das amarras de um regime opressor.

O impacto da Revolução dos Cravos na literatura foi além de uma simples mudança temática; também foi uma transformação formal e estética. Os autores começaram a experimentar novas formas narrativas, rompendo com as convenções tradicionais. Técnicas como a fragmentação narrativa e o fluxo de consciência passaram a ser amplamente utilizadas, refletindo o desejo dos escritores de questionar não apenas as fronteiras entre realidade e ficção, mas também o próprio papel da literatura em uma sociedade democrática e em transformação.

Portanto, ao analisar o cenário literário português após a Revolução dos Cravos, fica claro que este período trouxe um renascimento para a literatura portuguesa e na cultura em diversas áreas sociais. A censura que havia reprimido tantas vozes foi derrotada, e com ela, surgiu uma nova geração de escritores que, livres para criticar e explorar a complexidade da sociedade portuguesa, ajudaram a moldar uma nova identidade cultural. Ao mesmo tempo,

autores já estabelecidos, como Saramago e Lobo Antunes, puderam consolidar suas carreiras, abordando questões centrais da história contemporânea portuguesa. A literatura portuguesa passou a ser não apenas um reflexo das mudanças políticas, mas também uma ferramenta ativa na reconstrução da identidade nacional, profundamente marcada pelas décadas de autoritarismo e pela luta pela liberdade.

A Revolução dos Cravos, portanto, não apenas transformou a política e a sociedade de Portugal, mas também deixou um legado profundo na literatura do país, permitindo que escritores, poetas e artistas explorassem novos territórios criativos, livres da opressão e da censura. (José de Matos, 2021). A partir deste momento os aspectos sociais que antes eram vistos como absurdos, após a guerra, são retratados de forma mais realista e sem tabus, tais como a sexualidade, infidelidade conjugal, a pílula contraceptiva, a política e economia entre outros. Esse renascimento literário colocou Portugal no mapa mundial da literatura e garantiu que a liberdade conquistada com a revolução fosse celebrada e preservada nas palavras dos maiores autores da época.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Nunes Roberto. **Cravos de abril: E o sopro poético na literatura portuguesa**. Iventura, 2024. Edição 1, p. 58.

CAMÕES. **Revista de letras e culturas lusófonas**. N.5, 25 de Abril: a Revolução dos Cravos. Lisboa: Instituto Camões, Abril/Junho de 1999.

FRANCO, R. G.; Bernardes, K. S. **Narrativas de um real em ruínas: dois momentos da literatura portuguesa pós-25 de abril**. Matraga - Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Letras Da UERJ, v. 28, n. 54, p. 540–552, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.12957/matraga.2021.58843>.

RIBEIRO, Margarida Estrela. **Lídia Jorge e a Ficção Pós-Colonial**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

ROANI, G. Luiz. **Sob o vermelho dos cravos de abril: literatura e revolução no Portugal contemporâneo**. Revista Letras, v. 64, p. 15-32, set./dez. 2004. Universidade Federal do Paraná (UFPR).

SARAIVA, Nuno. **25 de Abril: A Revolução em várias perspectivas**. Lisboa: Edições Cotovia, 2021.

<https://www.blogletras.com/2016/10/natalia-correia-um-sopro-de-liberdade.html>

https://youtu.be/ZjCJSZnF9OU?si=_rg6qHzNpORu93-d

https://youtu.be/bMryfc_LwUo?si=wUi-AJfv0KM9sjS_

<https://youtu.be/vuW1S8nSxNM?si=i51ohbxZBIgScSr1>

https://youtu.be/SUqH_rC0iGY?si=kzhMBtphRYSZg8Ph